

IRACEMA

Revista do Centro Litterario



51-2.118
BIBLIOTECA NACIONAL
S.L.R.

« Só a arte immortalisa »

Redacção--Rodrigues de Carvalho e Pedro Moniz.

Secretario--Francisco Carneiro

Anno I

Ceará, 1.º de Setembro de 1895

Numero 6

EXPEDIENTE

ASSINATURAS:

Para a capital trimestre. 2\$000
 Fóra da " " " " " " " " " " " 2\$500

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Centro Litterario.

O *Iracema* publica-se quinzenalmente.

SUMMARIO.—*Thiago Ribas; Chronica—C.; Ri, coração—*Annibal Theophilo; *America—*Alvaro Martins; *Adeus*... Quintino Cunha; *Marcha funebre—*Vianna de Carvalho; *Minha Mãe—*Rodrigues de Carvalho; *Balladilha indiana—*Joaquim Carneiro; *Meus Versos—*Antonio Ivo; *Bolhas de sabão—*Marcolino Fagundes; *Manhã de primavera—*Julietta de Mello Monteiro; *Khassine—*F. Carneiro; *Chromos—*F. Silverio e F. Weyne; *Revistas e jornaes; Pescadores da Tahiba; Noticias; Cesta de vime—*J. de Souza,

Thiago Ribas

Falleceu no Pará este prestimoso cearense, brioso militar e um nome vantajosamente conhecido em nosso meio litterario.

Dando esta ligeira noticia só temos um fim :—transmittir a sua desolada familia nossas condolencias.

Chronica

N'esta quinzena, leitores,
 Dupla impressão nos domina:
 No sul, a paz entre flores,
 Aqui Eloy's, medicina.

Infantes e sapadores
 Dão as mãos com alegria...
 Enquanto aqui, meus leitores,
 Vai caindo a saparia.

De sapos, cobras, lagartos,
 Aranhas, gias, muçus
 Já estamos fartos bem fartos
 Cà pela terra da luz

*Lá no sul, nos invios pampas,
 Viceja em cada caxeira,
 Como o socego das campas
 Verde ramo de oliveira.*

*A onda rubra e dorida
 Do sangue de combatentes,
 Ficou, gemente, envolvida,
 No pranto dos innocentes.*

*E' que na cup'la do céu,
 O pranto de uma criança
 Vai transformar-se em trophéu :
 O arco azul da alliança.*

*Em tudo se mostra a paz,
 A paz, este sónho infindo ;
 Que até no céu é capaz
 De acordar o Gumercindo*

*Entanto, aqui anda em voga
 Uma revolta que dóe,
 E' a tal droga do Droga,
 A droga do Zé—Eloy.*

*O remedio referido
 De tanta fama já logra,
 Que quiz tomal-o um marido,
 E... traz-zás... botou a sogra.*

*Com esta queixa diaria
 Qualquer solteira se mostra :
 " Eu soffro de solitaria "*

.....
(E alguns casados de... ostra)

*
 **

*E em quanto o nime corvino
 Morre no lar dos farrapos,
 Nós entoamos um hymno,
 Porem o hymno dos sapos.*

*E' facto o que fica dito
 (Per isto Deus nos perdôe)
 Sobre a paz ouve-se um grito :
 Foi verdade... fei... não foi...*

C.

Ri, coração

A J. LOPES RIBEIRO

*Nunca te humilhes, coração. Espanca
Essa tristeza languida, que data
Desde que viste, fugitiva e branca,
Essa fria mulher que te arrebatou.*

*Não chores, coração, depressa estanca
Esse pranto que amargo se dezata.
O teu valor, que faz, que não arranca
De tuas fibras esse amor que mata?!...*

*Levanta-te vivel, mostra que és forte,
Que podes, mesmo nos humbraes da morte,
Rindo, ostentar uma frieza de aço,*

*Ri, que esta vida è uma comedia insana
Consiste em rir toda a ventura humana
« Ri, coração tristissimo palhaço... »*

12—93.

ANNIBAL THEOPHILO

America

Canta, oh deusa!

HOMERO.

...canta, n'uma linguagem elo-
quente os altos feitos dos teus
maiores.

I

Lá,—no alto da cordilheira inacessivel, onde so-
mente as aguias pardas e as brancas nevoas passam,
—ergueo o Pagé a sua cabana.

Em cima o céu; em baixo o precipicio; e em
torno o silencio aterrador da natureza bravia e lon-
ginqua que infunde o terror das cousas invisiveis.

Ali, quando as tardes caem lentas e o sol tomba
glorioso, sobre a crista da serra, o velho Arazá, se-
melhante a um antigo patriarcha, acororado á por-
ta da cabana, scisma nos rytos sombrios e myste-
riosos de Tupá.

As nevoas que passam, confundem-se com as
nevoas que lhe ornem a fronte—cedro abatido,
por onde passaram as tempestades deixando os sul-
cos de todos os infortunios.

A doce aragem do monte traz-lhe de envolta com
o aroma das arvores em flôr, o doce perfume da
mocidade—o sonho que se desfez.

E o velho Pagé scisma...

Scisma. E que fundos pensamentos abysmam-
lhe a alma?

Nada o perturba. Em torno de si somente a soli-
dão. Nem um echo, um só rumor indistincto!

No entanto o Pagé scisma. E a noite desce em
seu carro sombrio e vaporoso; e, a proporção que
as sombras, cahindo sobre o valle, como phantas-
mas lentos e errantes, envolvem a cabana rude,
maior tristesa pesa-lhe sobre a fronte austera.

Subitamente, ouve um sussurro.

As folhas fremem: Arazá estremece.

Naquelle mesmo instante surge no terreiro o vulto
extranho de um Piaga.

E' doce o seu olhar: orna-lhe a fronte a aureola
divina e o peito o labaro sagrado—a cruz.

Fala: a sua voz é mais doce ainda:

—Irmão, Deus guiou-me aqui, para que me guias-
ses aos teus. Eu sou o emissario de Tupá!

O velho Pagé, mal podendo suster-se nos mem-
bros alquebrados e tolhidos pela decrepitude e
com a fronte cahida sobre o peito, ergueo-se.

As phrases do estrangeiro, moduladas pela lin-
guagem de sua raça, cahiam-lhe n'alma como o ru-
mor de um hymno estranho e sagrado.

E falou. A sua voz tremia como a floresta sacodi-
da pelo tufão.

—Tu és o Piaga? O Pae Abaúna?

—Sim, volveu-lhe o sacerdote—Eu sou o Piaga.

—E como podeste subir até aqui, onde nenhum
guerreiro jámais subio?

—O Piaga apontando o céu disse:

—Deus, o pae, que está além, muito além da ca-
bana do Pagé, e onde jámais as aguias subirão.

Tupá!—bradou Arazá.

E convidou o sacerdote a entrar na sua cabana.

Era já noite cerrada...

II

Deitado, á noite, no puçá de pennas o Piaga ou-
ve ao Pagé a lenda dos seus maiores.

Este, sentado n'uma esteira barbara, envolto em
nuvens de fumo que arranca de seu cachimbo tosco,
refere n'uma voz monotonica e lugubre a genesis da
sua raça:

—No principio não havia noite. Havia somente
o dia.

Todos os animaes falavam e todas as cousas fa-
lavam.

Tamandaré, que vivia solitario no mundo, casou-
se com a filha de Boassú, e disse:

—Esposa, vamos dormir.

A Cobra respondeu:

—Ainda não é noite.

Noite não ha—diz Tamandaré—somente ha dia.

A moça falou:

—Meu pae, tem noite. Si queres dormir commigo
manda teus vassallos a meu pae, no fundo do rio.

Tamandaré chamou os Caiporas, que são os ge-
nios errantes da floresta, e disse-lhes:

—Parti. Ide a casa de Boassú, no fundo do rio,
buscar a noite.

E os Caiporas partiram.

Ao chegar a casa da Cobra Grande, no fundo do
rio, esta deu-lhes a semente da Noite, qu'era um
côco de palmeira, e disse-lhes:

—Aqui está. Levae-o: não o abraes senão todas
as cousas se perderão.

E os Caiporas foram-se, e em caminho, quando a
igara veloz atravessava o Pae-das-aguas ouviram
um ruido dentro do côco, do que ficaram muito
admirados e curiosos.

E quando já estavam longe, muito longe, um dos
vassallos disse para os seus companheiros:

—Vamos ver que ruido é este?

Os outros replicaram

—Não: ao contrario nós nos perderemos.

Vamos, adiante, eia, rema!

E remaram, e remaram, e remaram...

A igara, mais rapida ainda, deslisava á flôr das aguas.

E quando já estavam muito longe, os Caiporas accenderam o lume e abriram o coco.

De repente tudo escureceu.

Um dos Caiporas disse:

—Estamos perdidos.

E a filha da Cobra Grande na ocará, disse então a Tamandaré:

—Elles soltaram a noite; a noite vem: vamos dormir.

E a igara no rio transformou-se em garça; e os remos em espumas, e as espumas em azas, e voou!

E quando Tamandaré, o pae das raças, acordou, pela madrugada, ouviu o canto do inambu no bosque e disse:

—A inambu cantará pela manhã e á noite.

Os passaros cantarão... só o homem falará.

E tirando um raio do sol que despertava, enrolou-o no seio da sua esposa e disse:

Sê formosa! ama; o amor é tudo!

A serpente transformou-se em mulher!

E a terra se povoou.

E veio Rudá, que era o genio da luz, formou a sua tribu, e disse: tu vagarás pelo dia errante na floresta.

E veio Anhangá, que era o genio da sombra, formou a sua tribu, e disse: tu vagarás pela noite errante na floresta.

E vieram as tribus, e outras tribus, e tantas tribus, que as florestas já não cabiam mais.

E como todos os homens descendiam da serpente, e eram maus, Tupá desceu á terra com os seus vassallos.

Soprou o vento; cahiu a chuva; tombou o raio.

E o Pae-das-aguas cresceu até cobrir as arvores e as montanhas. A terra foi toda um immenso lago.

Somente o Pae Tamandaré salvou-se com sua esposa, agarrados á fronde da palmeira que fluctuava á flôr das aguas.

E a garça pousou na fronde da palmeira.

Veio a noite, veio o dia, e veio novamente a noite e o dia voltou novamente até que as aguas baixaram.

Tamandaré, deixando então a palmeira ergueo uma cabana para si e sua esposa, na crista do monte.

E abrindo a semente da palmeira o mundo se povoou outra vez.

ALVARO MARTINS.

(Continúa.)

Adeus...!..

Vem ao meu lado. Escuta-me criadunça:

Quero dar-te um adeus, viva lembrança,
Que me ha de seguir...

Quero fallar-te, em breve... Quero agora

Dar-te um adeus, antes que sôe a hora
De meu corpo partir!

Parto sosinho... e triste; e no entanto
Talvez nem saibas que me banha em pranto
esta saudade em dor...

Parte... qu'eu só por ti, se sacrifica
Parte o meu corpo; mas minh'alma fica
Para adorar-te, flôr!

E se a lei do destino não me é dada
Para ficar isento da jornada
Que o meu viver espalma,
Preciso, embora figurar-te em nevoa
fica o teu corpo; mas tu'alma, levo-a
Unida na minh'alma!

Meigos affectos, doces alegrias
Que deithou minh'alma tantos dias,
Pelos carinhos teus,
Vel-os agora, Ceos, quanta impiedade!
Vel-os num só momento, e este é—saudade
E esta saudade—adeus!

.....
Não me acabrunhas, não maldicta sorte
Muito embora me apontes certa morte;
No sorvedoiro—mar
Nunca me assustarás porque não corre
Não se acovarda e se entristece e morre
Que em vida sabe amar!

Não me acabrunhas, não forçoso braço
Da Natureza austera, porque abraço
Outra força maior!
Se grandes es, tu, Natura alem dos teus
Braços existe uma outra Força—Deus—
E um outro Deus,—Amor!

Mas... o que me acabrunha e me tortura
Mais que da vida a acerba desventura
Não é ver-me ausentar,
O que mais sinto, Deus é ver agora...
Como ella triste, se humildece e chora
Si sozinha ficar!

.....
Adeus mimosa adeus, se por ventura
O Oceano acer-me—sefultura
Aos meus verdes sonhares,
Se duas vezes naufragar na lida
—Naufrago triste sobre a mar da vida
—Naufrago morto namplidão dos mares

Este epitaphio escreve no teu peito,
Meigo vestigio do amor perfeito
De um triste viajor:

« NESTE MEU PEITO, JAZEM ESTES VERSOS,
RESTOS MORTAES EM LAGRIMAS ASPERSOS
DE UM NAUFRAGO DO AMOR! »—

QUINTINO CUNHA

« AMERICA »

E' um novo livro de Alvaro Martins.
Damos hoje um excerpto; e, sem adiantar juizos,
achamos que o leitor applaudirá a nossa ideia.
O Alvaro dispensa elogios, e o criterio de quem o
pode comprehender, qualquer orientação de nossa
parte.

Marcha funebre

(DÓ, BEMOL)

...Ao enterrar o meu ultimo sonho murcho quiz compôr a aria dolente como um miserere, no doloroso tom da cantilena que ouvira em criança, muitas vezes, ciciada na capellita aldêã, junto ao feretro de algum camponio que ia repousar além, entre flôres silvestres eervas crescidas.

Era uma melopéa embebida de sons abafados, notas de agonia mortuaria, longos gemidos rolando como sonoras magoas de organo no apavorante silencio de um mosteiro medieval.

Cantos que lembrassem preces balbuciantes em fôxos labios de moribundo e supplicas de condemnados no humido ambiente dos carceres.

Sombrias modulações e rythmos sombrios como o estoimar de vagãs bravias em torvos rochedos, pelas noites de tempestade, arrepios de escalas imitando o lugubre grasnar de corvos em charnecas açoitadas de frios hybernaes...

...E, como aportasse entre as mãos o violino, ouvi extranho soar piedoso dentro do peito.

Meu coração entoava a marcha funebre de seu ultimo sonho murcho para sempre... murcho...

Rio—Agosto—95.

VIANNA DE CARVALHO

MINHA MÃI

*Minha mãe! minha mãe! no templo escuro
Da dor e da agonia eis-me encerrado...
Em vão eu peço luz: em vão! gelado
Possues o coração, meu paliuro.*

*Procuro a luz do sol, o céu... procuro
A aurora, o campo, a flor, tudo nublado...
Sondo minh'alma—è Sombras meu passado,
Fallo ao futuro—è Sombras meu futuro.*

*Ha céu, no entanto, e limpidos luars...
Astros boiando em luminoso bando,
Como cysnes de luz ou nenuphars...*

*Mas eu, perdido, um cego tacteando,
Consulto a solidão de meus pezares:
Si ha luz no céu, è minha mãe chorando!...*

RODRIGUER DE CARVALHO

Balladilha indiana

AZHYR

A flôr do invérno...

Zum! Zhyz!... Gemem inconscientes, as negras flechas aligeras passando

Emquanto as chamas rubras do occaso vão se extinguindo, n'um lânguido desmaio, ergue-se a noite de inverno, brumosa e fria, e a floresta então lembra uma eça tristissima exposta.

Do céu tinto de lurido nankim, descem gottas gelidas de orvalho, que n'uma neblinação perenne banham das arvorés, a folhagem elanguecida pela luz radial e tardiana do loiro sol ardente.

Nem uma estrella sequer com pudicos anceios move as tremulas pupilas de oiro...

A noitada humida correndo, geme, soluça e chora nas cumas elevadas da floresta escura, como que fallando a treva do marulhar ossianico das vagas.

De quando em quando um grito estridulo de guerra rebôa como um trovão longinquo, ou como quedas de avalanches colossaes de neve aos uivos descompassados dos bambaleantes ursoes brancos enfurecidos.

A treva compacta e medonha parecia exigir o nocturnal silencio das cavernas, para seu pavor...

O chão da tenra grama coberto, se estrella da luz azul—errante dos trefegos pirilampos.

Nos galhos frondentes de uma oiticica piam aves nocturnas aterradas, quando alguma flecha sibila pelo ar.

Azhyr—a pubiere mais linda da taba de Magghar Tapyr, cego pela treva tacteando, arranca uma grande folha d'uma arvore pendida e nella bebe um pouco d'agua do murmuro regato.

E sobre a tenra grama estrellada de pirilampos, ella o moreno corpo estende.

Com os olhos negros e brilhantes, procura entre as arvores que a cerca, as pennas de mil cores que sua cabeça ornara, e, que deixara alli pela manhã, mas a escuridão esconde... Acompanha a orchoestração groseira do vento no arvoredor, com uma canção alegre de sua forte tribu.

Terminando, pensa, escuta e adormece calma cercada das perulas azues dos pirilampos.

Gotteia, perenimente gotteia o leite das arvores feridas.

Cala-se o uapy que rugia longe e ouve-se perto o troar da inubsia insano...

JOAQUIM CARNEIRO

(Continúa)

MEUS VERSOS

*Vie meus versos, celeres voando,
Pousar no quente ninho de seu seio,
Que outro abrigo não ha, do mundo em meio,
Para vós, mais suave, e doce, e brando.*

*Quando a vixes tristouha e soluçando
De saudades por mim, doce gor geio
Misturai aos soluços, sem receio
De que o prauto não ceda, em te escutando*

*Depois, dissei meu nome aos seus ouvidos,
Apòs o nome seu, para que unidos
Subamos até Deus, como uma estrella,*

*Que este amor que me prende, esta grillheta,
Acha pequeno o espaço do planeta
Para conter o céu dos olhos della*

ANTONIO IVO

Bolhas de sabão

HA MALES QUE VEM P'RA BEM

I

O facto que vou narrar, contou-me o Gregorio Façanha, dono da pequena fazenda conhecida em Itapicirica—São Paulo,—pelo nome de *Tapèra do Facinho Quaresma*.

Não vão pensar que o Gregorio Façanha era por ahí qualquer *caipirão* pé rapado e bruto.

Não senhor!...

Era eleitor antigo, ainda do tempo da monarchia, excellente e destemido cavalleiro e por isso só cavalgava animaes fogosos, ainda *redomoes*; dizia ter nascido a cavallo e só a cavallo ser homem.

Alem d'isso n'uma viola cantando o desafio em improvisos nos *catêrêts*, era onça, não tinha rival!

Tinha fama em toda redondeza da villa de S^{to}. Amaro e Itapicirica.

Ainda me lembro com saudades da festa do Espirito Santo em 1891, realisada às expensas de *nho*, Antoninho da Campina, imperador sorteado para esse anno.

Ah! n'esse dia o Gregorio estava mesmo de vêia!

Nunca o vi tão inspirado assim.

Ora imaginem o que não fez aquelle diabo, estando com alguns dedos da legitima pinga do O' no caco e em frente d'aquella tentação — a Julinha filha do *nho* Antoninho!

A viola gemia, soluçava e ria ao influxo de seus dedos ageis; e, de seus labios, jorravam os improvisos aos borbotões.

Recordo-me ainda de uma quadrinha por elle improvisada e que servio para o João Macota, um dos pretendentes a mão da gentil Julinha, sahir de ventas esborrachadas.

La vae ella:

« *A perdis anda no campo,
Papando seu capinzinho,
Quem tem amôr anda magro
Quem não têm vêve gordinho.*

*Quero bem, ai! quero bem,
Quero bem não sei a quem!* »

Ora o Gregorio não era mollê nem nada! quando cantava esta modinha inspirada, projectava olhares electricos, significativos, para o lado da Julinha que, sorrindo, abaixava os olhos corando.

O João Macota namorado caipora, percebeu a manobra ralou-se de inveja e ciumes, não pode se conter, convidou o Gregorio para uma conversa la fora no pateo... e... o resultado foi sahir com um pár de lamparinas na freguesia dos queixos.

Este incidente não veio em nada interromper a alegria que reinava, nem perturbar a festa, pois o Macota envergonhado, d'ali mesmo abriu o arco.

Mas o que é isto? eu á contar a vida do meu amigo Façanha! queiram desculpar a distracção, que sem mais preambulos entro em assumpto.

Como ia dizendo...

II

O Vicente da Capuava vivia feliz em sua casinha barreada e coberta de sapé.

Ao lado de sua costella, a Gertrudes, *nha* tudinha como lhe chamava, nada lhe faltava, não era rico, mas graças à Deus vivia sem cuidados, tinha suas duas vaquinhas no curral alguns porcos de seva, saúde, o que desejava mais?

Era empreiteiro de derrubadas e d'isso tirava á subsistencia; muito querido e estimado na fazenda do Simão para quem trabalhava desde menino.

Pela manhã, cedinho, logo após o café com leite, lá ia elle á caminho da roçada, machado ao hombro e podão á cinta, cantando através a neblina da manhã uma *tyrana* saudoza.

Todos os dias, ao meio-dia mais ou menos, ia *nha* tudinha levar-lhe o café e mais os *bolos de puba* na roçada onde trabalhava.

Sentavam-se na relva asombra perfumosa da floresta, juntos tomavam o café, descorriam algum tempo e por fim separavam-se, ella para ir aprontar-lhe a *janta* e elle para continuar o trabalho.

Um dia á Gertrudes foi, como de costume, levar-lhe o café. Como não sabia bem para que lado da roça o marido fôra trabalhar, orientou-se pelo écho dos golpes de machado que reboavam pela mata e conseguiu por esse meio chegar até onde o Vicente trabalhava.

Ali chegando improvisou immediatamente um fogão com dois tóros de madeira e apanhando um braçado de gravetos seccos, com elles atêou um fogo para aquecer o café que esfriára no trajecto.

Enquanto a mulher aquecia o café o Vicente para não estar atôa entretinha-se á destrinçar um emmanchado de cipós afim de abrir caminho p'ra derrubar um grosso tronco de guatambú que elle carecia p'ra eixo d'um carro de bois e p'ra fazer algumas *chumaceiras* para o mesmo.

Mas, ou porque os cipós fossem duros ou a pancada pouco firme, o podão resvalou na *coivara* e veio cahir-lhe de gume sobre o nariz decepando-o immediatamente.

—Virgem *minha* nossa senhora da Penha! valei meu marido pelo amôr de Deus!... exclamou *nha* tudinha como louca, levando as mãos á cabeça ao ver o sangue que jorrava como um chafariz do rosto do Vicente.

E, instintivamente, rapida como o pensamento, sem mesmo saber o que fazia apanhou a parte decepada que jazia por terra e unio ao rosto do marido cobrindo logo com um punhado de assucar que tirára da cesta em que levava o solito café.

O assucar foi a salvação do Vivente da Capuava.

A sacarina fez cessar immediatamente a hemorragia.

Nha tudinha tirou então da cabeça o lenço de chita vermelho que lhe servia de atilho aos cabellos e com elle atou o rosto do marido, que, encostando-se ao hombro da mulher conseguiu arrastando-se com dificuldade chegar á sua pobre, mas risonha habitação.

Quinze dias depois deste desastre parecia ter-se adherido ao tronco do nariz a parte decepada e o Vicente não cabia em si de alegria por isso, pois graças a *nha* tudinha não ficava defeituoso.

Restava somente, agora tirar o panno que se agar-

rára á pelle afim de ver se realmente o nariz ficaria perfeito.

Nha tudinha começou á humidecel-o com agua morna para que o panno se lhe destacasse.

Tirou finalmente o lenço. O nariz estava consolidado, mas... oh! descuido fatal! *nha* tudinha com atrapalhação do momento, colocara-o de ventas p'ró ar!

Ficava pois o pobre Vicente da Capuava com o *limpa-trilhos* do rosto—o nariz—acachimbadamente virado como um *saxophone*, retorcido para o norte do frontespicio!...

Emfim, o que não tem remedio, remediado está.

Antes assim que sem nariz.

—Ha males que vem p'ra bem; como o Vicente tomava rapé, o nariz n'aquella posição até era-lhe uma commodidade, pois podia á sua vontade encher-o.

Em compensação, porem, quando espirrava era um Deus nos accuda! presisava fechar os olhos porque parecia um vulcão em furiosa erupção!...

Ceará—1895.

M. F.

Khasime

Desmaiava a flôr de luz do dia.

Um camponio triste, sentado á margem de um corrego soltava uma aria nostalgica que o vento levava... enquanto os mansos dromedarios banhados pela luz crepuscular bebiam nos veios mansos dos regatos...

Abdallah!... balbuciara uma morena que olhava a corrente, como si ouvisse uma lenda antiga que o vento do Egypto canta nos leques das esguias palmeiras, oscillantes.

O emir por entre a turba turbilhonante, colerico, erguendo a lança, bradou; Abdallah é morto!

Abdallah será vingado!

Vós sois grande porque sois filho de Deus! Nada existe a temer... e soltou o profundo grito de guerra que... repetido por cem vozes, echoou... echoou pelo deserto a fora, fazendo parar o vento, fazendo parar o rio.

E a caravana partio...

Khasime olhava a corrente, ella era profunda; olhava o céu, era infinito.

Desejava ir ao céu antes de ir ao fundo do mar.

Contaram-lhe que Abdallah morrera num combate: que seu corpo fora lançado ao rio e sua alma subira ao céu.

A caravana ia desaparecendo alem, na poeira da estrada, por entre as palmeiras esguias, quando o sol no deslumbramento róseo do crepusculo, doirando os crystallinos fios dos regatos, arrastava uma clamyde collossal de ouro...

...e percorria o deserto a triste plangencia da aria do camponio como um soluço de dor de uma tribu inteira...

Khasime vendo que a caravana se encobria... dis-

se, como para varar a esperanza do desengano: Caravana, voltai!... Abdallah é vivo! Não vedes que elle vive no meu coração?!...

E a caravana encobriu-se...

O camponio fallou: Khasime vêde como céu é ainda azul, como o vento canta, e como o regato corre, Abdallah soffre ainda por ti.

Ide-vos a procura de seu amor.

E Khasime partio entoando uma canção dolente, enquanto o sol e a caravana se perdiam longe, nas areias brancas do deserto infinito...

F. CARNEIRO.

MUSA CEARENSE

CHROMOS

NA IGREJA

*Na torre repica o sino,
Sobem foguetes ao ar,
Ouve-se a orchestra tocar,
—Entoa o padre seu hymno.*

*A menina apaixonada,
Colloca-se alli, num canto,
Deitando um olhar ao santo
E outro á rapasiada*

*Uma velha ajoelhada,
N'um chale preto enrolada,
Com bentos e relicario,*

*Absorta, esquece o mundo
E num coxillo profundo
—Quebra o cordão do rosario*

F. SILVERIO

(AO PAPI JUNIOR)

*Noite de lua. As violas
Tocão fogoso baião;
N'um meneio folgasão
O Chico dà castanholas.*

*—« Menino, vê se te amolas
Lá nas caldeiras do cão!»
Canta o Cosmo, um rapagão,
Sentado ao pé das violas*

*N'um canto eu brinco co'a Rosa,
Moçoila rubra e fogosa
Que me deita agua no bico;*

*Dou-lhe um beijo no pescoço,
Ella diz:—Olhe, seu moço,
Que eu sou nué do seu Chico,*

1895.—Fevereiro.

F. WEYNE.

Manhã de primavera

*Esplendida manhã! Flôres e cantos,
Céo sem nuvens, perfumes pelo espaço,
Suaves brisas com subteis encantos.*

*Prende-se o céu á terra em roseo laço,
Mira-se o firmamento em largo espelho
E o sol por sobre os montes risca um traço.*

*Sáe da choça o ancião, seguindo o velho
Vae o rapaz alegre e satisfeito
Ouvindo attento o paternal conselho.*

*Dirigem-se ao trabalho; inda no leito
Ficou a esposa e mãe, que a noite inteira
Velou o filho que acalenta ao peito.*

*Na lagôa que frisa-se ligeira
Vae descendo morôsa, lentamente,
De niveos patos a gentil fileira.*

*Passa a cantar pela verêda em frente
O tropeiro, que em rustica toáda
Vae recordando um tempo mais florente,*

*Vôa de ramo em ramo a passarada;
E o poeta fitando o espaço infindo
Murmura n'uma nota apaixonada:
— Como isto tudo é bello, e grande e lindo!*

Rio Grande.

JULIETA DE M. MONTEIRO.

PESCADORES DA TAHYBA

Arthur Azevedo em uma de suas palestras d'*O País* assim se expressa sobre este livro do nosso querido consocio Alvaro Martins:

«Deixou-me agradabilissima impressão a leitura d'*Os pescadores da Tahyba*, poemeto escripto por Alvaro Martins, um dos poetas do Centro Litterario, do Ceará.

E' a historia singela de Xiquita noiva de um pescador, que um dia parte com sua jangada para o alto mar e não volta. Versos bem feitos e communicativos, escriptos com extrema simplicidade, narrram docemente as maguas da pobresinha que enlouquece.

Os *pescadores da Tahyba* transportam-me ao tempo em que eu decorava as melindrosas quadrinhas de Juvenal Galleno, um poeta nacional por excellencia, um poeta de que já se não fala, porque no Brazil ha costume de enterrar os vivos.

Alvaro Martins descende de Juvenal Galleno; cantam ambos a mesma terra, têm ambos a mesma nota sentimental e exploram com o mesmo engenho a trova popular.

Dir-se-hia que o moço pediu ao velho que lhe emprestasse a Musa, ou que esta foi ter com o moço ás escondidas do velho.

Muito folgarei que Juvenal Galleno encontre no autor d'*Os pescadores da Tahyba* um continuador das suas glorias.

Ao sympathico movimento litterario, que actualmente se opera no Ceará, faltava, sem duvida, um

poeta que pudesse ser lido e comprehendido pelo povo.

Pedro Moniz, outro socio do Centro Litterario, que tem no prelo um poema com o bello titulo de *Biblia do amor*, escreveu para *Os pescadores da Tahyba* um prefacio que termina assim:

« Adoro o teu livro, Alvaro, atira-o ao mundo, deixa que elle siga o seu destino. As tempestades humanas não o derribarão nunca, porque elle encerra as tempestades do mar e do amor. As farpas que lhe forem atiradas resvalarão na polidez diamantina daquella Poesia verdadeira do sentimento que nunca morre, da poesia em que vibraste a tua lyra.

« Deixa-o, elle vai embrulhado em tua alma, envolvendo teu coração, e ha muitos corações magoados que desejam chorar e o teu livro é feito para todos os corações que têm doçura, para todas as almas que amam e padecem. »

Revistas e Jornaes

Temos sobre a banca:

« Documentos para a biographia do Fundador do Ceará » pelo Dr. Guilherme Studart.

E' um opusculo de 50 paginas, contendo preciosos documentos sobre o fundador do Ceará, Martim Soares Moreno. O Dr. Studart, nome feito no mundo da sciencia e das lettras, tem uma rara predilecção pelo que concerne á historia patria; e, offerecendo os documentos em questão, elle, em estylo terso, faz uma prefação, que não é só uma prelecção de historia nacional, é tambem um apello justo e vibrante aos poderes publicos para que sem treguas cuidemos de nossa historia.

« Revista trimestral do Instituto do Ceará », anno IX, 1.º e 2.º trimestres de 1895. E' devido aos esforços, intelligencia e dedicação do Dr. Guilherme Studart e seus illustres companheiros do Instituto que se mantem essa publicação, interessante repositório de dados de raro valor sobre a historia, commercio e politica do Ceará.

E' um trabalho de muito valor, principalmente para quem se interessa pelos negocios d'esta terra.

Sabemos que o governo estadual pretende, como já o fez no anno passado, subsidiar essa importante publicação.

Eis um acto da administração a que ninguem regateará applausos.

Ao Instituto nosso reconhecimento e ao illustrado Dr. Studart nossa dupla gratidão.

« Polyanthéa » da Escola Militar da Capital Federal « em homenagem á memoria do emerito marechal Floriano Peixoto. » Uma verdadeira polyanthéa: trabalho artistico bem regular e escriptos escolhidos.

Collaboraram quatro membros do « Centro »: A. Pimenta; José da Penha; Vogeler e Vianna de Carvalho.

Destacamos estes nomes, d'entre os demais collaboradores, levados por essa saudosa recordação de velhos companheiros, cujos logares conservão-se vasios em nosso gremio.

« Revista Contemporanea », n.º 14: sempre atrahente e da epocha; isto é, com bom cabedal em fórma e fundo.

« Revista do Norte », n.º 8 : bem impressa e de alguma sorte interessante na parte litteraria.

Apezar de ter *redactor-chefe, redactor-gerente* e dous *redactores, simplesmente redactores*, offerece na 8.ª pagina o que ha de mais intragavel no *Almanach de Lembranças: Charadas e quebra-cabeças*.

E' pena.

O Pão. Recebemos os n.ºs. 21 e 22 d'essa importante revista da Padaria Espiritual. que nos agradaram summamente.

Destacamos do 1.º, o soneto «Lagrimas» de Livio Barretto e um interessante trecho de prosa de Antonio Salles.

« A Madrugada ». Esta bella folha do illustre escriptor Oscar Leal, veio interessantissima.

Temos á vista a edição de 4 do expirante ; e dentre as suas producções de merito, destacamos o artigo sobre litteratura brasileira.

Incontestavelmente o Oscar Leal presta relevantes serviços ás nossas lettras, com a « Madrugada ». Obrigado pela visita.

« Revista Elegante », ns. 38 e 39 : é um jornal de modas, entremiado de producções litterarias. Destacamos no n.º 39 umas quadrinhas buriladas por I. Xavier de Carvalho.

A todos agradecemos penhorados ; e a esta, retribuimos a gentileza com que refere-se a nosso *Iracema* e ao « Centro ».

NOTICIAS

PAPI JUNIOR

Esteve em festa o lar d'este nosso prestimoso amigo, durante as noutes de 28 e 29 do corrente. O motivo de tamanha alegria foi mais um engaste de 365 dias em sua existencia. E seus amigos e admiradores, não lhes fizeram favor, pois o Papi é um nome obrigado a tudo que, nesta terra, ha de commettimentos generosos.

O « Centro », que deve em parte sua existencia a tão preclaro belletrista, ainda hoje felicita-o com effusiva alegria

ACADEMIA CEARENSE

Commemorando o 1.º anniversario de sua installação, a Academia Cearense celebrou a 15 do mez passado solemmissima sessão.

O que o Ceará conta de notavel nas lettras e sciencias compareceu no Palacete da Assembléa a prestar homenagem á ideia promotora da reunião e a dar testemunho de apreço aos membros da Academia, e nesta terra em que homens e factos perduram instantes na attenção publica foi para notar que o anniversario da illustre associação fornecesse por dias o thema predilecto ás palestras, ás comparações, á verve, finalmente, dos que se entregam á vida das lettras.

Representando corporações litterarias ou aggremações congeneres, fizeram-se ouvir em discursos mais ou menos felizes diversos oradores sendo que do Centro Litterario foi interprete Alvaro Martins.

Por deliberação tomada fallaram dentre os academicos apenas o presidente Dr. Thomaz Pompeo e o orador Dr. Justiniano Serpa.

A festa do 15 de Agosto, para cujo realce tudo correu, deixou vivas impressões no auditorio selecto e numeroso, e assegurou mais uma vez aos socios da Academia o tributo da admiração e muita sympathia, que a familia cearense consagra aos que como elles tem escripto em seu escudo de combate : engrandecer e nobilitar a patria pelo trabalho e pelo exemplo.

« A VANGUARDA »

Do nosso collega Manoel Arão, redactor do *Diario de Pernambuco*, recebemos com um delicado cartão uma primorosa photographia dos redactores da *Vanguarda*

Agradecidos ao illustre collega, promettemos collocar a sua preciosa offerta no escriptorio da nossa Redacção.

Cêsta de vime

Esteve vasia nos dous ultimos numeros do *Iracema* ; porem, d'esta vez dous *benemeritos* tiveram saudade d'ella e eis a « cêsta » em scena.

Ô *Sr. Cirurgião X.* : bem razão tem S. S. em exaltar as pilulas do pharmaceutico José Eloy ; e quando ellas fossem neutras para certos organismos, para o de Vmcê é um verdadeiro milagre, a julgar pela facilidade com que escreve.

Nada temos que ver com questão de *Sapos, jacarés* e o diabo que o arraste . . .

Vê—que Vmcê entende de lombrigas mas . . .

Só com o José Eloy quem vem com tamanha *solitaria* : « sterilidade de historias hystericas. »

Não é para admirar o que se vio, pois se uma mulher quando falla diz *cobras e lagartos*, quanto mais . . . quanto mais . . .

R. G. E' bella a sua poesia.

E, sem commentarios, damos o introito :

ARLINDA

Arlinda dá-me o *ar lindo*
O teu *ar lindo* escondido ;
Porque com elle me perco,
Ai Arlinda ! . . .
Sem elle fico perdido.

Arlinda não dorme. Sonha,
Mas não Sonha quem *Só vela* . . .
Porque . . .

Ai Arlinda !

Eu vejo

Que suspira a *bocca d'ella*.

Basta.

J. DE SOUZA